ISTITUTO COLONIALE ITALIANO

TRE NOTE SULLA CITTÀ DI MOGADISCIO

DI

CARLO ROSSETTI

ROMA

TIP. DELL'UNIONE COOPERATIVA EDITRICE

Via Federico Cesi, 45

—

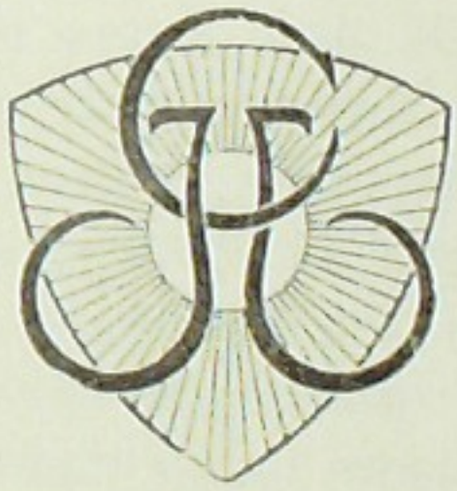
1907

ISTITUTO COLONIALE ITALIANO

TRE NOTE SULLA CITTÀ DI MOGADISCIO

DI

CARLO ROSSETTI



Omaggio H. R. Pozzi.
Roma Aprile
1907

ROMA

TIP. DELL'UNIONE COOPERATIVA EDITRICE

Via Federico Cesi, 45

—

1907

(Estratto dalla **Rivista Coloniale** — Novembre-Dicembre 1906)

Pag. 202 a pag. 212

TRE NOTE SULLA CITTÀ DI MOGADISCIO

§ 1. — « Un gran numero di Arabi di una tribù limitrofa alla « città di El-Hassa situata nel Golfo Persico nei pressi di Bahharin, « s'imbarcarono sopra tre navi ed emigrarono sotto la condotta di « sette fratelli che fuggivano le persecuzioni del Sultano di quella città. « Essi approdarono alla costa di Azania. La prima città che vi fon- « darono fu quella di Mogadaxo e quindi quella di Brava, che era « ancora all'epoca dei Portoghesi retta a repubblica da dodici capi « discendenti dai sette fratelli che ne erano stati i fondatori. Moga- « discio divenne uno stato possente ed impose la sua sovranità a « tutti gli Arabi della costa. I primi venuti nel paese, gli Emozeidi, « che erano di una opinione religiosa differente non vollero sotto- « mettersi agli Arabi della nuova città. Non essendo però in grado « di resistere colla forza, si ritirarono nell'interno, si mischiarono ai « Cafri di cui adottarono i costumi, e coi quali contrassero maritaggi. « Essi formarono così una popolazione meticcia, anello di congiun- « zione fra gli Arabi ed i negri, sia per il sangue e le idee reli- « giose che per il territorio che essi occuparono, che confinava all'est « cogli stabilimenti mussulmani ed all'ovest col territorio degli indi- « geni della contrada. Sono costoro quelli che gli Arabi della costa « designano col nome di *bedui* [beduini] ».

Così si legge nella famosa *Cronaca dei Re di Kilua* trovata dai Portoghesi allorchè sotto la condotta di Don Francisco de Almeyda si impadronirono di quella città, e che ci fu conservata da Dom Joam de Barros nella sua *Primeira Decada da Asia* (1).

(1) DECADA PRIMEIRA | DA ASIA DE | JOÃO DE BARROS | DOS FEITOS QUE OS POR | TUGUESES FEZERÃONO DESCOBRI | MENTO & CONQUISTA DOS MARES & TERRAS | DO ORIENTE | DIRIGIDA AO SENADO DACAMA | RA DESTA CITADE DE LISBOA.

EM LISBOA | COM TODAS LICENÇAS NECESSARIAS.

IMPRESSA PER IORGE RODRIQUEZ. ANNO DE 1628 | AA CUSTA DE ANTONIO GONÇALUEZ MERCADOR DE LIUROS.

Per morte do qual lhe succedeo seu filho Ale Bumale, que reinou quorenta annos: & por não ter filhos herdou Quiloa Ale Busoloquete seu sobrinho,

È questo il solo documento in cui si parli alquanto diffusamente della fondazione di Mogadiscio e come si vede presenta il non lieve inconveniente di non accennare neppure lontanamente alla data nella quale tale avvenimento avrebbe avuto luogo. Tuttavia poi che in detta cronaca è narrato come la città di Kilua venisse fondata circa settanta anni dopo Mogadiscio da *Ali-ben-Hassan*, figlio del sultano Hassan che regnava in Sciraz verso l'anno 400 dell'egira si potrebbe designare l'anno 330 come quello della probabile fonda-

filho do irmão que tinha em Mõfia: que não durou no estado maes que quatro annos & meio. Ao qual succedeo Daut seu filho que foi lançado de Quiloa aos quatro annos de seu reinado, per Matata Mandelima que era Rey de Xanga seu imigo: & Daut se foi pene Mõfia onde morreo. E este Matata leixou em Quiloa hum seu sobrinho per nome Ale Bonebaquer que aos dous annos os Parseos de Quiloa o lança rão fôra & leuantarão por Rey a Hocen Soleiman sobrinho de Daut ja defunto: que reynou dezafeis annos. Ao qual succedeo Ale Bem Daut seu sobrinho que reynou sesenta annos, & succedeolhe hum seu neto chamado do seu nome: contra que seu leuantou o pouo por ser mao ho mem & o meterão viuo em hum poço auendo seis annos que reynaua, leuantado por Rey & seu irmão Hacen Bem Daut que reynou vinte quatre annos, & apos elle reynou dous annos Soleiman que era da linhaogem dos Reys. ao qual o pouo cortou a cabeça por ser mui mao Rey. E em seu lugar leuantarão a Daut seu filho que mãdarão vir de Ç, ofala dondeveo mui rico que reynou quarenta annos, laixando feu filho Soleiman Hacen, que conquistou muita parte daquella costa: & por auer a benção de seu pae se fez senhor do resgate de Ç, ofala & das ilhas de Pemba, Momfia, Zenzibar, & de muita parte da costa da terra firme. O qual alem de ser cõquistador em nobreceo a cidade de Quiloa, fazendo nella fortaleza de pedra & cal, & cõ muros, torres & casas nobres: porque te o seu tempo quasi toda a panoação da cidade era de madeira, & todas estas cousas fez em espaço de dezoito annos que reynou. A quem succedeo seu filho Daut que durou dous annos, & tras elle veo Talut seu irmão que viueo hum: & por sua morte reynou Hocem outro irmã vinte & cinco annos. E por não ter filhos succedeolhe outro seu irmão que viueo dez annos: & este derradeiro irmão chamado Hale Bonj foi o maes bem afortunado de sua linhage, porque tudo o que cõmetteo acabou, & succedeolhe Bone Soleiman seu sobrinho que reynou quarenta annos. E apos elle reynou quatorze Ale Daut, ao qual succedeo Hacen seu neto que reynou dezoito annos que foi mui excellente caualleiro: & per sua morte ficou no reyno seu filho Soleiman que foi morto em faindo da misquita per traiçao, auen do quatorze annos que reynaua. Per morte do qual reynou dous annos seu filho Daut, & a pos este reynou vinte quatro Hacen seu irmão: & por não ter filhos tornou a reynar Daut Rey passado, porque os dous annos que reynou era em ausencia de Hacen por ser ido a Mecha, & em vindo, este Daut lhe alargou o reyno por lhe pertencer. Desta segunda vez reynou este Daut vinte quatro annos, ao qual succedeo seu filho Soleiman que reynou vinte dias somente, por lhe tomar Hacen seu tio o reyno, o qual reynou seis annos & meio: & por não ter filhos succedeolhe Taluf seu sobrinho irmão de Soleiman passado o qual reynou hum anno, & outro seu irmão chamado tambem Soleiman reynou dous ânos & quatro meses, no qual

zione di Mogadiscio, anno corrispondente al 942 dell'era volgare. Vi è però da osservare che sommando gli anni di regno di tutti i successori di *Ali-ben-Hassam* dalla morte di costui all'arrivo in Kilua del portoghese Pedro Alvarez Capral, avvenuta nell'anno 1500, mese di luglio, 90[illegible] dell'egira, si ottiene la cifra di 531 anni lunari che detratta da 906 darebbe l'anno 375 come quello della morte di Ali: stabilendo in anni 10 la durata probabile del regno di Ali e risalendo indietro di anni 70 si troverebbe allora l'anno dell'egira 295,

tempo foi tirado do Reyno per outro Soleiman seu tio que reynou vinte quatro annos & quatro meses & vinte dias. E a este succedeo seu filho Hacen que reynou vinte quatro, & tras elle veo seu irmão Mahamed Ladil que reynou noue, & Soleiman seu filho que o herdou vinta dous. E por este não ter filhos reynou Ismael Bem Hacen seu tio quatorze annos, per morte do qual se leuantou per Rey o gouernador do Reyno, que não esteue no eftado maes que hum anno, porque o pouo leuantou por Rey o gouernador do Reyno: o qual não esteue no estado maes que hum anno por tornarem per Rey a Mamud homem pobre por ser da linhagem dos Reys, que não durou naquelle estado maes que hum anno por sua pobreza. E soi leuantado por Rey Hacem filho d'el Rey Ismael ja passado, que reynou dez annos, & seu filho C, ayde outros dez: & per sua morte se qui's leuantar cõ o Reyno o gouernador delle, & duron neste poder hũ anno. No qual tempo fez gouernador & hum seu irmão per nome Mamude que tinha tres filhos: dos quaes sobrinhos hemendose este tyranno por serem ho mems pera muito maudou os de Quiloa que sossem gouernar as terras subdita sa ella. & aconteceo a sorte de Ç, ofala a hum chamado Içuf do qual defpois faremos larga menção, porque este era senhor daquella terra ao tempo que Pero d'Anhaye ali foi fazer hũa fortaleza como logo veremos. E em lugar deste tirãno leuã tou o pouo por Rey Habedala irmão del Rey Ç, aide ja passado, que durou no Reyno hum anno & meio, & seu irmão Ale outro tãto. E per sua morte o gouernador do Reyno forçosamente aleuãtou por Rey a hum Hacem filho do gouernador passado, que se aleuãtara cõ o Reyno, & fim de elle mesmo gouernador ser maes ob sulto cõ este ser posto da sua mão. Porem o pouo o não cõsentio porque logo leuantou por Rey hum da linhagem real chamado Xumbo, que viueo naquelle estado hum anno somente: & tornarão aleuantar o passado que aos cinquo annos foi disposto, em cujo lugar aleuantarão Habraemo filho de Soltão Mamude ja defunto que aos dous annos tambem foi disposto, & leuantãrao a hum seu sobrinho per nome Alfudail que durou mui pouco. E o seu gouernador chamado Mir Habraemo não quis fazer Rey & teue o Reyno em seu poder com tençao de ficar naquelle estado por filho d'el Rey Soleimão ja defunto primo com irmão deste Alfudail: o qual não leixou maes que hum filho de hua escraua, de que ao diante faremos menção porque despois veo a ser Rey desta cidade sendo ja nossa. E posto que este Habraemo fosse absoluto senhor de Quiloa, o pouo lhe não chamaua Rey senão Mir Habraemo, & se alguma cousa sustenrou me aquella tyrannia, foi o que passou com Pedraluarez Cabral, Ioão da Noua, & o Almirante dõ Vasco da Gamma: por os modos que teue cõ elles & por então isto o fez ser accepto ao pouo.

(Decada Prima. Libro ottavo, capitolo VI [V], fol. 158 *verso* e segg).

corrispondente al 908 dell'era volgare, come quello della fondazione di Mogadiscio. Vi è dunque, come si vede, palese contraddizione fra i vari dati di quello stesso documento.

Senonchè, se non a risolvere pienamente la questione, a gettarvi almeno un po' di luce, mi pare possa esser invocato quanto lasciò scritto il geografo persiano *Abd-el-Moal*, riportato dal D' Herbelot, secondo il quale Mogadiscio venne fondata sotto i Califfi d'Egitto la cui dinastia è accertato non cominciasse a regnare che nell'anno 296 dell'egira. Delle due date probabili sopra accennate quella dell'anno 295 appare quindi troppo piccola per essere presa in considerazione mentre la seconda risponderebbe perfettamente anche alle indicazioni del geografo persiano. Il comandante Guillain, alla cui opera magistrale deve necessariamente ricorrere chiunque intenda occuparsi di questioni attinenti all'Africa orientale (1), credette ad ogni modo poter ritenere la prima delle due date come la più probabile, preferendo prestar fede all'esattezza della Cronaca dei Re di Kilua, che non all'indicazione di *Abd-el-Moal*. Ora, a me parrebbe, senza che con ciò debba venir meno la mia profonda ammirazione per l'opera dell'illustre viaggiatore francese, assai più razionale ammettere il contrario. Esaminando infatti la cronaca in questione si trova che i regni rammentati sono 41, dai quali escludendo quello di *Soliman-ben-Daud*, spossessato dopo soli venti giorni, si hanno 40 regni la cui durata rispettiva varia da *uno a sessanta anni:* orbene, in soli *sei* casi la cronaca aggiunge la cifra dei mesi a quella degli anni e questa cifra in quattro casi è 6 e negli altri due è 4: tutti gli altri 34 regni sarebbero dunque stati, secondo la cronaca di un numero esatto di anni. Or non è chi non possa riconoscere in ciò un dato sufficiente per diminuire sensibilmente la fede che si volesse riporre in un computo fatto dietro la sola scorta di un tal documento. Anche riducendo a soli tre mesi l'errore in cui il cronista può esser caduto registrando le durate dei vari regni, errore che logicamente deve esser ritenuto in eccesso — tanto più che mentre si trovano accennate alcune frazioni pari od inferiori al mezzo anno non ve n'è alcuna superiore — si verrebbe già ad avere un errore di 10 anni che ridurrebbe a 521 il numero di anni trascorso dalla morte di Alì all'arrivo di Capral, e conseguentemente porterebbe all'anno dell'egira 305 la data probabile della fondazione di Mogadiscio.

Si osservi inoltre che il cronista sembra avere una speciale predilezione per i numeri pari, talchè, escludendo i 10 regni la cui durata viene indicata come di un anno od un anno e sei mesi, il

(1) M. Guillain, *Documents sur l'histoire, la géographie et le commerce de l'Afrique orientale*. Paris. Arthus Bertrand [1850]. vol. I, pag. 175 e segg.

regno di *Hussein-ben-Daud* che pare regnasse anni 25, quello di *Mohammed-Ladil* durato anni 9, e quello, infine, di *Hassan-ben-Ali*, successo a *Shumbo*, che regnò anni 5, tutti gli altri in numero di ventisette avrebbero avuto una durata rappresentata da un numero pari di anni, il più delle volte, anzi, con cifre molto tonde quali 60, 40, 24, ecc. circostanza, invero, tanto strana da dover esser ritenuta come improbabile. Tenuto presente tutto ciò, io difficilmente riesco a spiegarmi la fiducia che al Guillain piacque di accordare a questa cronaca.

Ricordando allora: che l'epoca in cui *Ali-ben-Hassan*, figlio del Sultano di Sciraz, si avviò alla costa africana, non è precisata nell'anno 400 dell'egira, ma solo è detto esser avvenuta verso quell'anno, sì che può esser lecito supporre che avesse luogo qualche anno prima; e che il suo regno, la cui durata non è dalla cronaca precisata, anzichè anni 10, come d'accordo col Guillain, ho più sopra indicato, potrebbe anche aver durato minor numero di anni, la fondazione di Mogadiscio mi pare debba ritenersi come avvenuta in uno degli anni compresi fra il 310 ed il 325 dell'egira, od il 922 ed il 935 della era volgare.

§ 2. — Varie sono le opinioni circa l'etimologia del nome di questa città. Una leggenda riferita dal Guillain, farebbe derivare la parola Mogadiscio (in arabo مقدشوه Magadshu) dalla locuzione araba *Megaad-esh-shâta* (1) (مَحَطّ الشَاة) o *Stazione* [o *scalo*] *della pecora*.

Secondo la leggenda, poco dopo l'arrivo dei mussulmani nel paese, uno dei loro capi più venerati e che aveva fama di esser ispirato da Dio, per nome *Auis-ul-Gorri*, avrebbe avuto una visione nel corso della quale una pecora gli sarebbe apparsa raggiante di luce soprannaturale. La località dove il miracolo avrebbe avuto luogo diveniva meta di pietoso pellegrinaggio, ed Auis stesso alla sua morte vi trovava sepoltura. Presso la tomba del sant'uomo sarebbe poi sorta una moschea ed il nome di *Megaad-esh-shata* che dapprima serviva a designare la località si sarebbe allora esteso alla moschea e quindi alla città tutta.

Fra tutte le varie etimologie che gli studiosi hanno proposto, questa mi sembrerebbe ancora la più naturale: non vi è nulla infatti d'improbabile che all'epoca delle prime immigrazioni islamiche sia esistito questo *Auis-ul-Gorri*, uno dei tanti santoni tenuti in sì grande rispetto dai loro correligionari, ai quali si divertono di raccontar le favole più strane, ritenute poi dal popolo come tanti articoli di fede. La somiglianza fra la locuzione araba ed il nome della

(1) V. Guillain, op. cit., vol. II, pag. 519.

città appare poi ancora più appariscente allorquando si pronunzi *Mahàat-esh-shâ*, siccome ritengo più corretto, la locuzione *stazione* o *scalo della pecora*.

Il Robecchi-Brichetti, (1) secondo il quale gli indigeni pronunzierebbero *Madisha* dà per questa parola l'etimologia *acqua di re* senza però indicare da qual lingua egli la tragga. Certo non dal somali, poichè secondo quanto egli stesso dice i Somali danno a Mogadiscio il nome di *Hammer* e poi, d'altra parte, acqua in somali suona *biyo*, parola composta di elementi dei quali non v'è traccia in *Madisha*. Si deve dunque ritenere che intenda farla derivare dall'arabo e nulla vi sarebbe da osservare ove la parola *Madisha* permettesse in un modo qualsiasi, pur tenendo conto di tutte le possibili alterazioni che il tempo può avervi portato, di scorgervi la traduzione della frase *acqua di re*. Disgraziatamente, per quanto le mie conoscenze mi pongono in grado di giudicare, ciò non è: *ma* (مَا oppure مَاء) significa bensì *acqua* in arabo, ma *sha* in questa lingua non significa affatto *re*, significato che ha invece in persiano, nè si può ammettere che una parola araba ed una persiana abbiano concorso a formar *Madisha*, poi che sarebbe sempre a spiegare la comparsa dell'elemento *di*, comparsa che non può attribuirsi alle varie alterazioni causate dal tempo alla locuzione *Ma-esh-sha* a ciò opponendosi le leggi della fonetica araba. Supponendo ancora questo elemento come facente parte della prima parola del costrutto, si avrebbe *madd* (مَدّ) che può stare ad indicare *marea, pienezza delle acque*, ma francamente non mi pare una supposizione ammissibile, che oltre all'inconveniente di fondarsi, una tale etimologia, sopra vocaboli appartenenti a due lingue differenti, avrebbe anche quello non lieve di derivare da una frase, *marea di re*, di nessun logico significato. Per esprimere la parola *re* gli Arabi hanno nella loro ricchissima lingua, i vocaboli *malek, malik, malk* e *sultan* dei quali si servono esclusivamente senza bisogno di ricorrerea voci straniere; nè, d'altra parte, rammentando la provenienza dal Golfo Persico dei fondatori di Mogadiscio, si può accogliere l'obbiezione che la voce iranica *sha* potesse esser di uso comune fra di loro, posto che il nome stesso del padre di Ali, *Sultan-Hassan*, ci indica come ad esprimere l'autorità regia si usasse, anche fra gli Arabi di quelle regioni, una voce araba e non altra. Inutile anche il ricercare di pervenire da *Madisha* ad *acqua di re*, valendoci esclusivamente del persiano, poi che l'equivalente di *acqua* è in tale idioma *ab*. Ma vi è nell'Africa orientale un idioma, il suahili, nel quale *acqua* si dice appunto *madyi*,

(1) Robecchi-Brichetti, *Somalia e Benadir*. Milano, Aliprandi, 1898.

benchè più volgarmente si dica ora *magi*, e potrebbe sorgere il dubbio che in esso dovesse ricercarsi l'etimologia in questione. Il dubbio però svanirà presto quando si pensi che la voce *sha* non ha significato sostantivo in detta lingua che ad esprimere la parola *re* usa il vocabolo proprio *mfalme* ed i derivati arabici *malki* e *sultani*, senza dimenticare che è quasi assolutamente inammissibile che una città di costruzione araba abbia tratto il suo nome da una lingua di schiavi, quali presso gli Arabi furono sempre considerati i suahili.

Ciò posto non mi pare sia il caso di soffermarmi più lungamente sopra questa derivazione che il Robecchi-Brichetti forse senza soverchie indagini, ha accettato nell'opera sua.

Il compianto capitano Cecchi, in un suo rapporto al ministro degli affari esteri (1), mette in campo il dubbio che la radice greca *megas* (grande) possa entrare per qualche cosa nella formazione della parola Mogadiscio. Per ammettere ciò occorrerebbe che all'epoca in cui gli emigrati da El-Hassa sbarcarono sulla costa affricana nel punto ove dapprima si stabilirono, e che è detto esser l'attuale Mogadiscio, già esistesse qualche antica città di fondazione greca, cresciuta in un'epoca qualsiasi e per un motivo qualsivoglia a grande rinomanza, affinchè sia giustificabile la sua denominazione a mezzo della radice *megas*. Ora in nessuna delle relazioni anteriori al x secolo è fatta menzione di un tale emporio. Nel *Periplo di Ariano* si accenna bensì a due città od ancoraggi che dovevano sorgere a poca distanza dal punto ove è adesso Mogadiscio, ma oltre che i loro nomi, *Seraphion* e *Nikon*, non offrono nè la radice *megas*, nè alcuna analogia col nome di *Magadshu*, dall'esame critico del *Periplo* si crede poter identificare le località nelle quali dovettero sorgere Seraphion e Nikon con quelle ove sono attualmente Uarsceik e Gondersceik. È anche da notarsi che tanto la *Cronaca dei re di Kilua* quanto la narrazione di *Abd-el-Moal* accennano entrambe alla *costruzione* di Mogadiscio per opera di Arabi e non lasciano in proposito menomamente sorgere il dubbio che non si trattasse invece che dell'ampliamento di una città già esistente.

Ho già detto come la derivazione di Mogadiscio da *Mahaat-esh-sha* sia, fra le varie esposte, quella che maggiormente mi convince, tuttavia, non so nascondere che sarei molto inclinato a dare a questa locuzione un significato diverso da quello attribuitole dalla leggenda. La voce *shâ*, oltre al significato di *pecora*, può anche avere, nel

(1) V. *Libro Verde*: « Somalia italiana » (Atti parlamentari — Documenti parlamentari presentati alla Camera dei deputati dal Ministro degli affari esteri, legislatura XIX, sessione I, nella tornata del 25 luglio 1895.

volgare arabico comunemente parlato in quelle regioni, quello di *tenda* (e precisamente quel genere di tende che usano i beduidi (1), ed è precisamente questo secondo significato, quello che, senza ricorrere alle fantastiche narrazioni della leggenda può dare una se non sicura, certo verosimile etimologia del nome *Magadshu*. Si sa infatti che gli emigrati di El-Hassa non furono i primi mussulmani a stabilirsi sulla costa del Benadir essendo stati preceduti da un piccolo manipolo di partigiani di *Zeid*, figli di *Zein-el-Abeden*, costretti a fuggire l'Arabia per le persecuzioni del califfo *Heshan-ben-Abd-el-Malek*, verso l'anno 740 dell'èra volgare. Questi profughi si erano poscia sparsi lungo la costa in località diverse, scelte di regola fra quelle poco frequentate dagl'indigeni di cui temevano gli attacchi. Non sarebbe dunque improbabile che gli emigrati di El-Hassa, percorrendo la costa in cerca di un punto ove stabilirsi, fossero stati attratti dalla vista di una o più tende quali erano soliti a vedere nelle loro contrade e che, riconosciuta adatta la località perchè abbondante di acqua ed offrente un discreto ancoraggio per le loro piccole navi, vi si fossero definitivamente stabiliti dando quindi il nome *Mahaat-esh-sha*, o *stazione della tenda* al villaggio che vi costruirono.

§ 3. — I primi quattro secoli della vita di Mogadiscio sono ancora, e forse rimarranno sempre, immersi nel mistero, poichè in nessuna delle opere dei geografi o viaggiatori di quel periodo è fatto accenno a questa città. Tuttavia essa dovette nel frattempo diventare un centro di ben nutriti traffici ed assurgere a grande importanza, tanto che nel trattato di geografia di *Ibn-Said*, geografo insigne che fiorì verso la metà del XIII secolo, si legge che « ad oriente di Merka è la città mussulmana di Mogdashu, il cui nome ritorna soventi sulle labbra delle persone che hanno viaggiato da quelle parti ». È chiaro che affinchè ciò accadesse la città ed i suoi commerci dovevano già esser pervenuti ad un buon grado di floridezza. Eppure lo stesso *Abulfeda*, la cui opera geografica rimarrà sempre uno dei più bei monumenti della scienza araba, non dà a riguardo di Mogadiscio più ampi dettagli, per avere i quali dobbiamo attendere il viaggio che il marocchino *Abu-Abd-Allah-Mohammed* detto *Ibn-Bathutha* compì nell'anno 1330 (731 dell'egira) sulle coste dell'Affrica Orientale, nel corso del quale ebbe occasione di visitare Mogadiscio.

---

(1) Propriamente *hhesha*, da cui, attraverso a *hhsha*, per la caduta della *e*, per un frequente fenomeno di aferesi, la voce abbreviata *shâ* che s' incontra fra gli Arabi dell'Oman e dell'Hadramut.

Avendo riguardo all'epoca in cui *Ibn-Bathutha* scrisse la relazione del suo viaggio io credo sia difficile trovare un narratore così esatto e coscienzioso nel racconto delle sue avventure e la descrizione dei luoghi visitati; non differentemente potrebbe scriver un viaggiatore moderno, ora che, la Dio mercè, forse per la maggiore facilità del controllo, è pressochè svanita la triste usanza, così in voga presso i viaggiatori di un tempo, di prendersi giuoco dei lettori gabellando loro le più sfacciate fandonie. Con tutto ciò, gli studiosi dell'epoca erano talmente abituati alla mistificazione che mal poterono acconciarsi alla verità e la narrazione di *Ibn-Bathutha* non trovò che un pubblico d'increduli; non fu che dopo molto tempo che la sua fama potè esser riabilitata. Molte delle usanze che egli attribuisce agli abitanti di Mogadiscio, così diverse da quelle ricordate da un suo quasi contemporaneo, Yakut, secondo il quale essi non si sarebbero cibati che di rane e di serpenti, esistono ancora oggidì o sono da poco tempo scomparse per le accresciute relazioni coi popoli civili; così i commerci ed i prodotti da lui indicati corrispondono ancora in gran parte a quelli attuali. Tutto ciò ci deve autorizzare a concedere la maggior fiducia alla relazione del viaggiatore marocchino.

All'epoca in cui *Ibn-Bathutha* la visitò, Mogadiscio doveva dunque essere presso all'apogeo del suo splendore: un sultano per nome *Abu-Bekr* figlio di *Omar* la governava secondo le norme dei principi arabi e le usanze della sua corte erano pressochè le istesse ancor oggi in onore nel cerimoniale mussulmano: i commerci vi erano attivi ed alcune industrie sì floride che, per esempio, le stoffe ivi fabbricate, che *Ibn-Bathutha* non esita a dichiarare *senza pari*, erano esportate fino in Egitto ove si conoscevano sotto il nome del mercato che le produceva. La città, « estremamente vasta », contava già allora numerose moschee, ed una di queste, resistendo all'opra demolitrice del tempo si è conservata fino ai giorni nostri, unica palese testimonianza del passato splendore. In essa è ancor leggibile una iscrizione riguardante la sua costruzione per opera di *Mohammed-ben-Abd-esh-Shedad* nell'anno 936 dell'egira (1238 dell'èra volgare) vale a dire circa un secolo prima dell'arrivo di *Ibn-Bathutha*.

L'opera del marocchino non è però che un raggio di luce in mezzo all'oscurità in cui continua a rimanere la storia di Mogadiscio fino all'arrivo dei Portoghesi nell'Affrica Orientale. Il solo autore che ancora ne parli è *Ab-ul-Mahassan* nella sua opera *Manhal-es-Safi*, ma il suo racconto, con l'interramento di Mogadiscio e la successiva invasione della città per opera delle scimmie, non è che un seguito di fandonie e volgari mistificazioni di cui non val la pena di occu

Neppure le tradizioni locali che, come si sa, presso questi popoli semibarbari sono sempre vivissime costituendo l'unico mezzo per tramandare ai posteri le vicende della propria gente, possono nel caso nostro supplire alla mancanza di documenti scritti. Quelle poche notizie che ancora possonsi raccogliere dagli anziani della città sono troppo incomplete per permettere anche ad una critica sottile di ricavarne qualche dato sicuro.

Il solo ricordo di un fatto importante che si conservi è quello della presa della città per parte degli *Abgal* che sostituirono il loro governo a quello degli arabi in una epoca non ben determinata che il Guillain crede sia da ritenersi posteriore alla venuta dei Portoghesi.

Gl'indigeni raccontano come dapprima il governo di Mogadiscio si trasmettesse fra i membri della famiglia *Mudaffer* che impose il suo governo subito dopo la venuta degli arabi di El-Hassa di cui faceva parte. Assai probabilmente però questo appellativo di Mudaffer non va inteso come il vero nome di quella famiglia, ma semplicemente come una corruzione dell'aggettivo arabo *muzaffer* (مُظَفَّر) conquistatore. Questi sultani arabi avrebbero in breve tempo esteso il loro potere su tutta la costa del Benádir e le regioni limitrofe fra il Giuba e lo Scebeli, fino a che la presa della città per parte degli *Abgal*, popolo rozzo e selvaggio, non avrebbe iniziato il periodo della decadenza. La presa di Mogadiscio si sarebbe effettuata sotto il Sultano *Faker-ed-din* che, scacciato dalla città per il mal governo, avrebbe instigato gli *Abgal* all'occupazione. Il primo capo *Abgal* di Mogadiscio sarebbe stato l'*imam Omar Gelulé* (1), di cui l'attuale *imam Mahmud* sarebbe il nono successore nell'ordine seguente: *Omar*, *Mahmud*, *Ahmed*, *Mohammed*, *Ali*, *Mahmud*, *Osman*, *Mohammed*, *Ahmed*, *Mahmud*. Il piccolo numero d'*imam* che formano questa serie, è un indice sicuro che l'avvenimento della presa di Mogadiscio non può aver avuto luogo prima della fine del XVII secolo, vale a dire quasi due secoli dopo la comparsa dei Portoghesi nell'Affrica Orientale. Tuttavia è da notare che all'epoca del viaggio di *Ibn-Bathutha* governava in Mogadiscio un *sceik Abu-Bekr* che l'autore ci dice esser di origine berberina (i somali erano allora chiamati *berberi* dagli arabi) e non accenna affatto ad una sua possibile origine araba, ciò che invece meraviglia in un viaggiatore arabo. Se le cose fossero così bisognerebbe ammettere che la caduta dei sultani *Mudaffer* avesse avuto luogo molto tempo prima dell'epoca dell'*imam Omar*

(1) Omar Hilaulé, secondo la genealogia riputata dal ROBECCHI-BRICHETTI; v. op. cit., pag. 399.

Gelulé. Risalendo ora nella dinastia degli *imam* si trova bensì un *Abu-Bekr* alla 17ª generazione, che potrebbe anche aver vissuto all'epoca del viaggio di *Ibn-Bathutha*, ma questo *Abu-Bekr* è figlio di *Gabaneh* e non di *Omar* come scrive il marocchino, nè in tutta la genealogia degli *Abgal* si riesce a trovare un *Abu-Bekr* figlio di *Omar*.

Come si vede le notizie che si hanno sono talmente scarse che se riesce difficile fissare con qualche esattezza l'epoca probabile della fondazione di Mogadiscio, è quasi impossibile stabilire, sia pur con qualche approssimazione, l'epoca nella quale si compì per parte degli *Abgal* la conquista della città.

CARLO ROSSETTI.

RIVISTA COLONIALE

Organo dell'ISTITUTO COLONIALE ITALIANO

Si pubblica ogni mese

ABBONAMENTO ANNUO:

ITALIA, ERITREA e BENADIR . . . . Lire **20**

ESTERO. . . . Lire **25**

Un fascicolo separato Lire **DUE**

La rivista è inviata gratuitamente a tutti i soci dell'**Istituto Coloniale Italiano** (Quota annua **Lire trenta**).

L'abbonamento decorre dal 1° gennaio e dal 1° luglio di ogni anno.

*L'**Istituto Coloniale Italiano** lascia intera agli Autori la responsabilità degli articoli pubblicati nella RIVISTA COLONIALE.*

*La proprietà letteraria di tutti gli articoli pubblicati nella RIVISTA COLONIALE, adempiuti gli obblighi di legge, si intende acquisita all'**Istituto Coloniale Italiano**, che si riserba ogni diritto di riproduzione, ristampa, traduzione, ecc.*